



Princípios educacionais em Ellen G. White

Educational principles in Ellen G. White's manuscripts

Fábio Augusto Darius¹

Rebeca Pizza Pancotte²

Resumo / Abstract



presente artigo visa a apresentar e contextualizar historicamente a proposta educacional de Ellen G. White (1827-1915), concebida no âmago da Guerra Civil e da reforma na educação dos Estados Unidos nos anos 1860. Seus escritos (mais de cem mil páginas manuscritas em quase noventa anos) abordam temas aparentemente tão díspares quanto teologia geral, escatologia, estilo de vida, saúde, história e educação. Contudo, a obra whiteana, embora dialética e assistemática, é teleológica, e objetiva eminentemente a redenção humana. É sob esse viés professoralmente redentivo que seus escritos educacionais integram educação mental, física e moral, constituindo um corpo privilegiado de conhecimento vivencial.

Palavras-chave: Religião; Educação; Redenção



This article presents and historically contextualizes Ellen G. White's educational proposal (1827-1915) designed in heart of the Civil War and the education reform of the United States in the 1860s. Her writings - more than one hundred

¹ Doutorando e Mestre em Teologia pela Escola Superior de Teologia de São Leopoldo. Graduado em História pela Fundação Universidade Regional de Blumenau FURB (2006/2). Leciona Filosofia e História no Centro Tecnológico Universidade de Caxias do Sul. E-mail: fabiodarius@aol.com

² Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Especialista em Docência no Ensino Superior pela Faculdade Adventista Paranaense. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (2004). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas FOCO - Formação e Concepções do Materialismo Histórico-Dialético na Educação, pertencente à Universidade Estadual de Maringá. Professora da rede estadual do Paraná. E-mail: rebecapizz@gmail.com

thousand manuscript pages in almost ninety years of existence - cover topics apparently so disparate as general theology, eschatology, lifestyle, health, history and education. However, White's works, while unsystematic and dialectic, teleologically and eminently aim the human redemption. It is under this professedly redemptive bias and beyond religion, also liberating, that her educational writings integrate physical education, mental and moral parts of men, constituting a privileged body of experiential knowledge.

Keyword: Religion; Education; Redemption



*Sitz im Leben*³ e apontamentos biográficos significativos

108

De acordo com o historiador marxista Eric Hobsbawn (1995), o breve século XX começou tardiamente, apenas em 1914 com a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Sua reclassificação cronológica não é metafórica, com o intuito de apontar de forma direta, o conflito fundante do período passado: o século XX, ao efetivamente desabrochar, decepcionou aqueles que, vislumbrando o anterior, esperavam dele — sem exageros — a plenitude dos tempos⁴. Talvez tenha sido o também historiador Geoffrey Blainey (2008) quem melhor sintetizou o sentimento dos que nutriam esperanças

³ O termo alemão utilizado tanto no título quanto nesta introdução foi originalmente utilizado pelos teólogos alemães para contextualizar trechos bíblicos, podendo ser traduzido por “contexto vital”. Como a vida e os escritos de Ellen G. White não podem ser estudados longe do contexto religioso de sua época e toda sua existência foi pautada pela história e teologia bíblica, o termo não parece inadequado.

⁴ Embora o termo “plenitude dos tempos” possa parecer exagero, o racionalista Hippolyte Léon Denizard Rivail, sob o pseudônimo Allan Kardec assim compilou em sua *Revista Espírita*, de agosto de 1867: “Oh! quanto a face do mundo será mudada para aqueles que verão o começo do século próximo! [...] Quantas ruínas verão atrás de si, e que horizontes esplêndidos se ruídos, aos tumultos, aos rugidos da tempestade sucederão os cantos de alegria; após as abrirem diante deles! [...] isso será como a aurora pisoteando as sombras da noite; [...] as angústias, os homens renascerão para a esperança [...] Sim! o vigésimo século será um século bendito, porque verá a era nova anunciada pelo Cristo” (KARDEC, 1999, p. 173). De acordo com Hobsbawn (2000, p. 351) “de fato, às vezes chegaram a pensar que essas conquistas não eram impressionantes, mas também finais”.

pelo século nascente: “Tanto havia sido conquistado no século anterior, que parecia sensato acreditar que dali em diante os êxitos do mundo em muito superariam os desastres”. Efetivamente, não é sem razão que o século XIX é comumente conhecido como “o século da História” (GUIMARÃES, 2002, p. 184-200), tanto por seu desenvolvimento material e espiritual quanto pelo surgimento da História como disciplina.

É notável o contraste, porém, entre a insólita perspectiva e a crua realidade. As mesmas fábricas que antes moldavam o fascinante e inexorável progresso agora fundiam as bombas que destruíam não apenas os sonhos, mas também milhões de seres humanos. O niilismo professado pelo existencialista Nietzsche, que curiosamente pereceu apenas poucos meses antes do nascer do século das grandes guerras, difundiu-se grandemente nos campos de batalha e além, tomando de surpresa até alguns membros da casta dos doutos cristãos.

Paul Tillich (2009, p. 10), nascido em um lar luterano, doutor em Filosofia e capelão do exército alemão na Primeira Guerra Mundial, descreveu a transformação ocorrida com ele ao participar da batalha de Champagne, em 1915: “Naquela noite, grande parte da minha filosofia clássica ruiu em pedaços. A convicção de que o homem fosse capaz de apossar-se da essência do seu ser, a doutrina da identidade entre a essência e existência.” Diante de tamanhas atrocidades, uma das frases clássicas de Nietzsche (200-, p. 41) — “o homem é algo a ser superado” — parecia mais do que apenas um oráculo proferido por Zaratrusta, mas sim uma sentença incondicional.

109

Na mesma época em que Ellen G. White faleceu aos 88 anos, no dia 16 de julho de 1915, do outro lado do Atlântico, teve início da Segunda Batalha Isonzo e no ano seguinte, em Verdun, se daria uma das piores batalhas da história da humanidade. Seu país entraria no conflito com um exército expedicionário pouco tempo depois.

Contudo, em 1827, ano de seu nascimento, o mundo parecia caminhar por melhores trilhas. Apenas três anos antes, um totalmente surdo Beethoven (que faleceria em 1827) surpreenderia sua plateia ao apresentar o quarto movimento de sua última sinfonia entoada por um grande coral, algo nunca visto até então. Nada menos que uma bela página sob inspiração de Schiller era cantado por aquelas vozes, um “ode à alegria e à amizade”. Era o romantismo europeu, em sua vertente alemã, que logo chegaria aos Estados Unidos pelo inglês Ralph Waldo Emerson e tantos outros. Napoleão Bonaparte há muito descansava em

seu túmulo, mas suas ações ecoavam pelo mundo chamado civilizado. Hegel o apontaria como o personificador do próprio *Zeitgeist*, aquele que levou a história a um estágio seguinte de desenvolvimento. Certamente, o progresso do espírito também pôde ser visto na Revolução Americana, ocorrida na geração anterior a Ellen G. White. À sua época, seu jovem país procurava por identidade.

Portanto, foi em tempos de inegáveis progressos revolucionários e tecnológicos que nasceu Ellen G. White, no norte dos Estados Unidos, próximo de Portland, uma grande cidade para os padrões da época, com mais de 15 mil habitantes. A população de sua região, grosso modo, atesta as linhas gerais da personalidade de White:

fervor religioso, veemente busca pela verdade, obstinada independência, austeridade espartana, desembaraço, simplicidade, resoluta autonomia e uma propensão para aderir a causas impopulares e lutar por elas (HOYT, 2003, p. 46).

Politicamente, seu país crescia a olhos vistos, pulando de 5 para 20 milhões de pessoas entre 1800 e 1850. Cresciam também as tensões raciais, sejam elas relacionadas aos imigrantes europeus, sejam relacionadas à escravidão negra. Socialmente, expandiu-se o individualismo, fruto direto das revoluções burguesas. Os clubes de temperança aumentavam em vários estados, com o intuito de diminuir o consumo de bebidas alcoólicas, exageradamente alto. Sob o ponto de vista educacional, informa-nos Douglass (2003, p. 45):

estava-se instaurando “um sistema escolar progressista para estudantes entre os quatro e os 21 anos de idade. Depois da escola primária básica [4 anos de estudo], o estudante podia entrar para a escola primária superior [4 anos de estudo], chamada *Grammar school*, após um exame público. A educação gratuita para as meninas, contudo, acabava na escola primária superior, enquanto os meninos podiam prosseguir na escola secundária [4 anos de estudo], que se especializava no ensino avançado do inglês, depois de passar noutro exame público.

Contudo, Ellen G. White pouco pôde aproveitar esse sistema ou mesmo sua infância. Aos nove anos de idade, por fato desconhecido,

“qualquer futilidade”⁵, ela foi apedrejada, ficando gravemente ferida. Apesar de seus esforços, não mais frequentaria a escola formal novamente, exceto por um breve período, espécie de tentativa frustrada de realocação. Suas próprias professoras aconselharam-na a abandonar os estudos, sendo esta, segundo ela, “a mais forte luta de minha juventude, ceder à fraqueza e decidir que deveria abandonar os estudos e renunciar a toda esperança de instruir-me” (WHITE, 2000, p. 15).

Eis, portanto, sua primeira grande frustração ainda na infância. Em virtude desse fato principal, mas não apenas, a partir de março de 1840, quando da visita de Guilherme Miller⁶ — um pregador batista leigo que apontou a volta de Cristo literal nas nuvens do céu para algum dia entre 1843 e 1844 — ela foi “revivida espiritualmente”. A esperança da volta de Cristo, perpetrada a partir do genericamente chamado “movimento do advento”, mudou seu posicionamento perante a vida e sua família, metodista por quatro décadas, foi expulsa da igreja em prol dessa crença. Indubitavelmente todos os seus escritos acerca dos mais diferentes temas, tais como teologia geral, escatologia, estilo de vida, saúde, história e educação foram fortemente influenciados por ela. Em seus escritos sobre educação, nem mesmo as novas influências progressistas, o advento do marxismo em 1844, o nascimento do espiritismo moderno em 1848 e do darwinismo em 1858 fizeram com que ela mudasse a base de seu pensamento, fundamentada no estudo bíblico e tendo como tema principal a santificação e redenção do ser humano.

111

⁵ A história de seu acidente de infância pode ser lida com mais detalhes em: White (2000 p. 13-15).

⁶ Guilherme Miller, Joseph Smith, as irmãs Fox, Charles Russel, Mary Backer Eddy e uma série de outros, incluindo a própria Ellen G. White constituíram o cenário religioso estadunidense no século XIX. O primeiro, Miller, atingiu o ápice de suas pregações entre 1840-1844 ao tratar racionalmente (e de forma linear) acerca das profecias bíblicas veterotestamentárias de Daniel em conexão com o Apocalipse de João, no Novo Testamento. Seu público, em alguma medida, foi constituído por aqueles que, já letrados, agora descobriam a matemática (em voga desde os tempos da Independência) e queriam acompanhar o raciocínio de Miller, a despeito de suas predições. Conforme Noll (1992, p. 192) Joseph Smith, na cidade de Palmyra, Nova Iorque, fundou nos anos 1830 a primeira igreja genuinamente estadunidense, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. As irmãs Fox, há apenas 18 quilômetros distantes da cidade de Smith, em Hydesville receberam os primeiros sinais daquele movimento que ficaria conhecido como o moderno espiritismo. Charles Russel fundaria uma denominação hoje conhecida como Testemunhas de Jeová, antigos Estudantes da Bíblia, nos anos 1870. Por sua vez, Mary Backer Eddy, seria a fundadora da Ciência Cristã, aliando, como o espiritismo, ciência e religião. Finalmente, Ellen G. White seria a cofundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia, institucionaliza nos anos 1860, década da reforma educacional estadunidense e de seus primeiros escritos sobre o tema.

A educação estadunidense no século XIX e a reforma educacional dos anos 1860 (contexto)

O propalado “século da História”, como anteriormente visualizado, proporcionou indubitáveis progressos e gerou as mais distintas reformas nos Estados Unidos, que acompanhavam de perto a efervescência europeia⁷. Henry Steele Commager, historiador que traçou o moderno liberalismo nos Estados Unidos no século XX escreveu acerca desse ímpeto, de acordo com Knight (1998, p. 28, tradução livre):

Foi um dia de reforma universal — um dia em que quase todos os homens que você conheceu poderiam traçar um plano para uma nova sociedade ou um novo governo [...]; um dia de esperança infinita e infinito descontentamento⁸.

112

Entre essas reformas, que incluíam a saúde, temperança e estilo de vida, a educação estava listada como prioridade. Percebeu-se urgente naquele país a premissa da necessidade de educação universal como elemento fundamental para construção da jovem nação. Desde muito antes da primeira Revolução, a qual efetivamente libertou os estadunidenses do jugo britânico, a mente colonial tinha suas raízes bem fincadas em um puritanismo nada incipiente que direcionava a educação à austeridade do árduo trabalho intercalado a leitura da Bíblia, que em muitos casos era o livro didático por excelência⁹. De todo modo, esperava-se de um jovem instruído a

⁷ A esse respeito, citamos Karnal (2008, p. 117): “A valorização da ciência, da razão e dos métodos, tão comuns nos estudos sobre o século XIX europeu, também pode ser observada na América do Norte. Os exemplos do crescimento da indústria, das ferrovias e o forte sentimento nacionalista, observado nas tentativas de expansão territorial e nos conflitos externos, mostram como os Estados Unidos, de alguma forma, compartilhavam esses valores do período.

⁸ Knight (1998, p. 28) conforme o original: “It was a day of universal reform - a day when almost every man you met might draw a plan for a new society or a new government from his pocket; a day of infinite hope and infinite discontent”.

⁹ Essa particularidade não findou no século XIX e ainda hoje é percebida, principalmente quando se alude ao debate Evolucionismo vs. Criacionismo. No Estado americano de Ohio,

compreensão conceitual de tópicos gerais da filosofia ocidental, bem como o domínio das línguas clássicas e a recitação de poemas, enquanto as garotas das classes mais privilegiadas, no final do XVIII e XIX, divertiriam plateias domésticas dedilhando piano¹⁰. No entanto, os novos tempos pareciam exigir uma nova proposta educacional, mais moderna e adaptada às demandas de um planeta em rápida transformação.

A América do Norte e a Europa vivenciavam os primeiros tempos do “progresso do espírito”, passando de um estágio de desenvolvimento a outro, conforme o já citado Hegel. Por esse motivo, se fez preciso refletir acerca dos parâmetros educacionais vigentes. Ao se perceberem nesse novo estágio — empoderados — mais claramente perceberam a importância da educação, para mais do que simplesmente instruir, mas “também transmitir os valores de uma sociedade democrática e proporcionar a todos igual acesso a tudo o que essa sociedade possa oferecer” (KEPPEL, 1970, p. 16). Com isso, se mostraram cientes das conquistas revolucionárias, a ponto de legar essa aquisição às próximas gerações, pois “toda nação que atingiu certo estágio de desenvolvimento é instintivamente impelida à prática da educação. Educação é o processo pelo qual uma comunidade preserva e transmite suas características físicas e espirituais”.¹¹

A fim de equalizar a questão, no alvorecer do século XIX, a filosofia de alguns preeminentes pensadores europeus do calibre de Pestalozzi, Herbart e Montessori chegaram a influenciar algumas mentes, “mas pouco modificaram o contexto educacional daquela parte da América do Norte” (DOUGLASS, 2003, p. 344). Ainda que Pestalozzi enfatizasse a “necessidade de exercícios físicos ao ar livre juntamente com o desenvolvimento da educação moral proporcionando equilíbrio ao ser humano autônomo” (*apud* JEDAN, 1990, p.115), Herbart pregasse a busca por

113

naquele século viu o Oberlin College, misturara “trabalhos manuais com mais ênfase na instrução bíblica do que nos estudos clássicos tradicionais” (DOUGLASS, 2003, p.345).

¹⁰ A título de curiosidade, Ellen G. White (1938, p. 263, tradução livre) não condenaria este aprendizado, mas afirmaria que “antes de os filhos tomarem lições de órgão e piano, deviam recebê-las de cozinha. O trabalho de aprender a cozinhar não precisa excluir a música, mas este é de menos importância que o aprender a preparar alimento saudável e apetitoso”. Conforme o original: “Before children take lessons on the organ or the piano they should be given lessons in cooking. The work of learning to cook need not exclude music, but to learn music is of less importance than to learn how to prepare food that is wholesome and appetizing”.

¹¹ Jaeger (2001, p. 10). De acordo com o original: “Todo pueblo que alcanza un cierto grado de desarrollo se halla naturalmente inclinado a practicar la educación. La educación es el principio mediante el cual la comunidad humana conserva y trasmite su peculiaridad física y espiritual”.

conhecimentos lógicos (o entusiasmo popular pelas teorias de Guilherme Miller atestaram essa aquisição) e Maria Montessori¹² pregasse que “uma concepção de educação que se estende além dos limites do acúmulo de informações” (FERRARI, 2011), havia muito por fazer.

Foi efetivamente a partir de anos 1820 que a mudança educacional estadunidense teve início, com o ímpeto de Samuel Hall e as ideias de Horace Mann, primeiro inspetor escolar — no estado de Massachussets. De acordo com Greenleaf e Schwarz (2009, p. 19),

foi durante esses anos que o sistema gratuito de escola pública tomou forma nos Estados Unidos. Começando em 1823, quando Samuel Hall exigiu melhor treinamento para professores primários, a iniciativa para aperfeiçoar as escolas financiadas publicamente ganhou impulso depois que Massachusetts nomeou Horace Mann, em 1837, como o primeiro inspetor estadual de educação.

A percepção educacional de Mann não diferia em muito daquela proporcionada pelos franceses do século passado. Na verdade, “ele expressa uma fé no poder da educação que tinha crescido para além do século XVIII francês” (KNIGHT, 1998, p. 42, tradução livre). Segundo Mann (1868, p. 669, tradução livre),

educação, então, além de todos os outros dispositivos de origem humana, é o grande equalizador das condições dos homens, - o equilíbrio da maquinaria social. [...] Mas quero dizer que ele dá a cada homem a independência e os meios pelos quais ele pode resistir ao egoísmo dos outros homens. Ele faz melhor do que para desarmar os pobres de sua hostilidade para com os ricos: [ela o] impede de ser pobre.

Mann vê a educação como único verdadeiro instrumento de autonomia e independência do ser humano em face de um nascente expansionismo estadunidense que cada vez mais que participar do jogo internacional do poder. Como veremos a seguir, Ellen G. White vai se apropriar, dentre outros,

¹² O clássico conceito de educação de Montessori, como se verá posteriormente, não está em absoluto em contradição com a proposta whiteana. Diz Montessori (1989, p. 2) que: “a educação é um processo natural de forma espontânea realizada pelo indivíduo humano, e é adquirido não por ouvir as palavras, mas pelas experiências sobre o meio ambiente”.

das ideias gerais do Oberlin College e de Mann a partir de sua percepção judaico-cristã arraigada desde sua juventude. Contudo, a aplicação que ela fará desses conceitos será mais ampla, em vários sentidos.

A proposta whiteana de educação integral

Ao longo de quase noventa anos de existência, Ellen G. White, mesmo sem terminar sua educação formal, escreveu muito sobre os mais diversos temas. Apesar de sua dificuldade inicial, quando de sua morte, sua biblioteca pessoal contava com mais de 1.500 volumes. Não é nossa intenção, neste artigo, abordar os meios e recursos que a levaram a tão prolífico trabalho, mas “tão-somente” abordar o tema específico da educação em seus escritos. Deve-se dizer, a título de explicação inicial, que ela não foi uma escritora sistemática¹³, mas sim, autodidata¹⁴ e academicamente *outsider*. Portanto, não pretendeu erigir novos conceitos ou métodos a partir da teorização daquilo que vivenciou, mas possibilitar vivências práticas¹⁵ e cotidianas. Antes disso, ela pareceu ver, além das mazelas humanas, aquilo que o ser humano pode ser quando inserido sob os fundamentos da doutrina que julgava ser a única verdadeiramente transformadora e redentiva — a judaico-cristã aplicada à vida integral. Partindo dessa premissa, ela certamente leria com certa precaução a já citada passagem oracular de Nietzsche que afirma que “o homem é algo a ser superado” visto que para ela o ser humano, enquanto criatura é insuperável, pois foi feito à imagem e semelhança de um Criador que é perfeito. Contudo, carece de libertação física, moral e espiritual.

Ao conhecer, já nos primórdios da história da humanidade o “bem e o mal” (Gn 3:5) e tendo este se projetado à raça humana, o ser humano de todas as

115

¹³ Assim sendo, em muitas variadas obras podem ser encontrados textos relativos a educação como um todo, fazendo desta busca um verdadeiro esforço pessoal e acadêmico para o pesquisador, embora possam ser encontrados livros originais e compilações acerca do tema, como se verá logo abaixo.

¹⁴ Conforme Fagal (2010, p. 88, tradução livre): “Ellen G. White não se utilizou sempre de perfeita gramática, ortografia, pontuação, fraseado ou parágrafo em sua escrita. Ela reconheceu sua falta de tais habilidades técnicas. Em 1873, lamentou: ‘Eu não sou uma estudiosa. Não posso preparar meus próprios escritos para a publicação [...]. Eu não sou uma gramática’. Ela sentiu a necessidade de ajuda de outros na preparação de seus manuscritos para publicação”.

¹⁵ Conforme White (1996, p. 180): “Devo meditar na Palavra de Deus noite e dia e levá-la à minha vida prática.”

épocas nasceu, e mesmo hoje nasce, em e sob pecado. Visto sob esse aspecto, ela contradiz a teoria clássica de Rousseau e, assim, crê que o ser humano já nasce necessitando ser libertado e, em última análise (i.e. espiritual) redimido. É precisamente sob essa premissa que todos os seus escritos sobre educação devem ser depositos.¹⁶ Afinal, “toda cultura e educação que o mundo pode oferecer, fracassarão em fazer de um degradado filho do pecado, um filho do Céu. A energia renovadora precisa vir de Deus” (WHITE, 1941, p. 96, tradução livre).

O ápice de seus textos educacionais provavelmente se encontra na obra de sua velhice, *Educação*, de 1903. *Conselhos aos pais, professores e estudantes*, compilação de 1913 e *Conselhos sobre educação* de 1893-4 são as outras obras que compõe seus textos sobre o assunto. Este último traz os textos já publicados nos nove volumes conhecidos por *Testimonies* ou, em português, *Testemunhos para a Igreja*, publicados entre 1855 e 1909. Seu primeiro texto publicado surgiu em 1851 embora remonte a dezembro de 1844.

Sua morte, como já abordado, aconteceu em 1915. Percebe-se claramente aqui que o tema “educação” lhe foi caro durante grande parte de sua vida. Ainda (e novamente) a preponderância indisfarçável de Ellen G. White recai sob a temática religiosa aplicada às áreas específicas da vida. Afinal, segundo ela, o ser humano faz parte de um grande conflito cósmico perpetrado por seres antagônicos que representam o bem e o mal. Cabe a cada um tomar partido nesse conflito, estando capacitado a percebê-lo e combatê-lo

116

¹⁶ Para citar apenas dois exemplos acerca de Ellen G. White considerar o homem naturalmente pecador, ver White (1970, p. 1128, tradução livre): “O primeiro Adão foi criado puro, sem pecado, sem mancha de pecado sobre ele, visto ser ele a imagem de Deus. Ele pode cair, e caiu pela transgressão. Por causa do pecado sua posteridade nasceu com propensões inerentes à desobediência”; ver também: White (1956, p. 18): “Man was originally endowed with noble powers and a well-balanced mind. He was perfect in his being, and in harmony with God. His thoughts were pure, his aims holy. But through disobedience, his powers were perverted, and selfishness took the place of love. His nature became so weakened through transgression that it was impossible for him, in his own strength, to resist the power of evil. He was made captive by Satan, and would have remained so forever had not God specially interposed. It was the tempter’s purpose to thwart the divine plan in man’s creation, and fill the earth with woe and desolation. And he would point to all this evil as the result of God’s work in creating man” (Edição de 1892). Conforme tradução contemporânea de Delmar F. Freire: “O homem foi originalmente dotado de nobres faculdades e de uma mente equilibrada. Era um ser perfeito e estava em harmonia com Deus. Seus pensamentos era puros e seus desejos eram santos. Mas, por causa da desobediência, sua mente se tornou pervertida e o egoísmo suplantou o amor. Por causa da transgressão, sua natureza tornou-se tão enfraquecida que ele, por sua própria força, não mais conseguia resistir ao poder do mal. Ele foi feito cativo por Satanás, e assim teria permanecido para sempre se não houvesse a intervenção especial de Deus. Era propósito do tentador frustrar o plano divino da criação do homem e encher a Terra de miséria e sofrimento. Ele atribuiria todos esses males à obra de Deus ao criar o homem” (WHITE, 2008, p.13).

empreendendo todos os seus esforços¹⁷. Daí decorre, fundamentalmente, a importância daquilo que ela chamou de “verdadeira educação”, “mais que uma preparação para a vida”¹⁸. Educação esta que:

inclui todo o ser. A verdadeira educação inclui todo o ser. Ela ensina o devido emprego do próprio eu. Habilita-nos a fazer o melhor uso do cérebro, ossos e músculos; do corpo, mente e coração. As faculdades do espírito são as mais elevadas potências; têm de governar o reino do corpo. Os apetites e paixões naturais devem ser sujeitos ao domínio da consciência e das afeições espirituais (WHITE, 2006, p.398-399).¹⁹

A partir da conceituação acima exposta, percebe-se um provável motivo pelo qual Ellen G. White ainda não figura academicamente entre os pensadores da educação, inclusive sendo esta considerada de forma negativa — ao sugerir um conflito cósmico que muito primariamente pode ser visto quase ao sabor de Maniqueu, bem como por sua concepção que focava a transcendência da dualidade (TOULOUSE; DUKE, 1997, p. 366-367). Mais do que isso: quem sabe ela possa parecer altamente dominada pelas ideias religiosas de um tempo limiar entre a explosão desmesurada do conhecimento científico e a “alta crítica” aplicada a religião, preferindo estar firmemente atrelada ao contato pessoal com a Divindade. Ainda assim, suas propostas pedagógicas “estavam em harmonia com as ideias da reforma educacional de seu tempo (KNIGHT, 2009, p. 35)”. Suas críticas contundentes ao uso extremo da memória como método eficiente de aprendizagem, afirmando que assim o aluno teria sua mente enfraquecida (WHITE, 2007, p. 230) e sua ênfase à aplicação prática do aprendizado (WHITE, 2007, p.

117

¹⁷ Diz ela: “Necessitamos entender mais claramente o que está em jogo no grande conflito em que nos achamos empenhados. Precisamos compreender com mais plenitude o valor das verdades da Palavra de Deus, e o perigo de permitir que nosso espírito seja delas desviado pelo grande enganador” (WHITE, 2006, p. 451).

¹⁸ Segundo ela: “É muito mais do que a preparação para a vida presente. Visa o ser todo, e todo o período da existência possível ao homem. É o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para a satisfação do serviço neste mundo, e para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro” (WHITE, 2007, p.13). Essas palavras introduzem o citado livro.

¹⁹ De acordo com o original: “True education includes the whole being. It teaches the right use of one’s self. It enables us to make the best use of brain, bone, and muscle, of body, mind, and heart. The faculties of the mind, as the higher powers, are to rule the kingdom of the body. The natural appetites and passions are to be brought under the control of the conscience and the spiritual affections”.

232) constituem apenas dois exemplos que demonstram sua semelhança aos autores mais vanguardistas de sua época.

O ponto em que ela vai além desses autores reside no fato dela direcionar todas essas práticas mais para cima, para uma outra esfera, só possível a partir de uma vida de obediência aos ditames escriturísticos. Escreveu Ellen G. White (2007, p. 225):

A verdadeira educação não desconhece o valor dos conhecimentos científicos ou aquisições literárias; mas acima da instrução aprecia a capacidade, acima da capacidade a bondade, e acima das aquisições intelectuais o caráter. O mundo não necessita tanto de homens de grande intelecto, como de nobre caráter. Precisa de homens cuja habilidade seja dirigida por princípios firmes.

Por esse motivo, sua sugestão era que, sempre que possível, as crianças não fossem matriculadas em escolas públicas. Afinal, “acaso recebem nossas crianças dos professores da escola pública ideias em harmonia com a Palavra de Deus?” (WHITE, 2002, p. 179). Eis aí, dentre certamente outras, a primordial diferença entre ela e os outros, nacionalistas e tomados tão-somente pela educação como mais alto ideal democrático, fato que genericamente a insere muito mais como uma escritora denominacional, ainda pouco estudada na academia por seu caráter finalista ultrapassar a esfera pública da educação escolar. Contudo, o que, especificamente, era a educação para ela? Simplesmente a “mais bela obra já empreendida por homens e mulheres” (WHITE, 1948, p. 131), a qual


abrange mais que mero conhecimento de livros. Envolve tudo quanto é bom, virtuoso, justo e santo. Compreende a prática da temperança, da piedade, bondade fraternal, e amor para com Deus e de uns para com os outros. A fim de atingir a esse objetivo, é preciso dar atenção à educação física, mental, moral e religiosa da criança (WHITE, 1948, p. 131).

Considerações finais

Este pequeno texto, conforme pretendido, teve como intuito contextualizar e introduzir em linhas gerais o pensamento educacional de Ellen G. White.

Certamente há muito mais a ser dito sobre o assunto, servindo estas linhas como um, por assim dizer, modestíssimo referencial para futuras e maiores pesquisas sobre o tema. De todo modo, fica manifesto aqui seu desejo de ver a educação, principalmente de crianças, mas não só, ultrapassar o meramente desejável à formação genérica “universal” de uma nação de acordo com os ditames de seu tempo. Muito mais do que isso, seu desejo era utilizar a Bíblia Sagrada, regra moral, aplicada ao mais moderno desenvolvimento pedagógico de seu tempo para efetivamente transformar e restaurar o ser humano em todos os seus aspectos, tanto para agora, em sua atual existência, quanto para sua outra vida, em diferente plano.

Dessa forma, concorda Ellen G. White com o pedagogo reformador Comenius (1997, p. 49), que afirmou que “esta vida não passa de uma preparação para a eterna”. Concordaria também com Freire (1996, p. 68-83), que visualizava o ensinar com “apreensão da realidade”, “alegria e esperança” e “convicção de que a mudança é possível”. Sem esses elementos, a “verdadeira educação”, no conceito whiteano, não seria alcançado. Portanto, sua premissa geral encontra eco desde a Reforma até os dias atuais, a partir dos mais conceituados pedagogos.

De tudo, conclui-se, sem deixar de lado o estudo metódico aliado à pesquisa e prática, que segundo Ellen G. White a educação primariamente visa a “compreender quatro coisas sobre o homem: a sua natureza original, o propósito de Deus, a mudança que ocorreu na condição humana na queda e o plano de Deus para ainda cumprir” (KNIGHT, 1999, p. 49). A partir dessa bem estabelecida base, e só então, estará o homem preparado para fazer excelente uso dos conhecimentos cotidianos, buscando cada vez mais seu aprimoramento e transformação pessoal e social. Eis a educação holística de Ellen G. White: competência espiritual, moral, física e intelectual em equilíbrio com Deus e suas criaturas na busca por um mundo melhor aqui e depois. 

119

Referências

BLAINEY, G. **Uma breve história do século XX**. São Paulo: Fundamento Educacional, 2008.

COMENIUS. **Didática Magna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DOUGLASS, H. **Mensageira do Senhor: o ministério profético de Ellen G. White**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

FAGAL, W. **101 Questions About Ellen G. White and Her Writings**. Nampa: Pacific Press Publishing Association, 2010.

FERRARI, M. Maria Montessori: segundo a visão pedagógica da pesquisadora italiana, o potencial de aprender está em cada um de nós. **Educar para crescer**, 2011. Disponível em: <http://bit.ly/Js7u6>. Acesso em: 1 fev. 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GREENLEAF, F.; SCHWARZ, R. W. **Portadores de Luz**: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Engenheiro Coelho: Unasp, 2009.

GUIMARÃES, M. S. Entre amadorismo e profissionalismo: as tensões da prática histórica no século XIX. **Topoi** - Revista de História do Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ. Rio de Janeiro, dez. 2002.

HOBBSAWN, E. J. **A Era do Capital**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

120

_____. **Era dos extremos**: o breve século XX 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

HOYT, F. Ellen G. White's Hometown: Portland, Maine, 1827-1846. In: DOUGLASS, H. **Messageira do Senhor**: o ministério profético de Ellen G. White. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

JAEGER, W. **Paideia**: los ideales da la cultura griega. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

JEDAN, D. **Theory and Practice**: Johann Heinrich Pestalozzi. Vitae Scholasticae, 1990. v. 9.

KARDEC, A. **Revista Espírita**: jornal de Estudos Psicológicos. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 1999.

KARNAL, L. *et al.* **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2008.

KEPPEL, F. **A revolução necessária na educação americana**. Rio de Janeiro: Forense, 1970.

KNIGHT, G. R. **Ellen G. Whites World**: a fascinating look at the times in which she lived. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1998.

_____. **Myths in Adventism**: an interpretative study of Ellen G. White, education, and related issues. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 2009.

MANN, M. (Ed.). **Life and Works of Horace Mann**. Boston: Horace B. Fuller, 1868. v. 3.

MONTESSORI, M. **Education for a New World**. Santa Barbara: ABC Clio, 1989.

NIETZSCHE, F. W. **Assim falava Zaratrusta**: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Escala, 200-.

NOLL, M. **A History of christianity in the United States and Canada**. Grand Rapids: Willian B. Eerdmans Publishing Company, 1992.

TILLICH, P. **Teologia da Cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009

TOULOUSE, M. G.; DUKE, J. **Makers of christian theology in America**. Naschville: Abingdon Press, 1997.

WHITE, E. **O lar adventista**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1996.

_____. **Caminho a Cristo**: passos que conduzem à certeza da salvação. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

_____. **Christ's object lessons**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1941.

_____. **Conselhos sobre Educação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2002.

_____. **Counsels on diet and foods**, 1938. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1976.

_____. **Educação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

_____. **Steps to Christ**. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1956.

_____. **Testemunhos para a igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1948. v. 3.

_____. **A ciência do bom viver**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

_____. **The Seventh-day Adventist Bible Commentary**: Ellen G. White comments. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1970.

_____. **Vida e Ensinos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

Enviado dia 13/09/2011

Aceito dia 12/02/2012

